

RELATINIZAÇÃO DO PORTUGUÊS²²⁹

Amós Coelho da Silva (UERJ)
amoscoelho@uol.com.br

RESUMO

O Renascimento foi o momento histórico em que o português se renovou quando buscou sua identidade no mundo clássico dos gregos e dos romanos da Antiguidade. Releu a estética horaciana do *Carpe diem*, aproveitou o dia de hoje, ou a estética do poeta Vergílio do *Libertas quae sera tamen*, Liberdade ainda que tardia e trouxe tais estéticas para este período como novo tema literário. De imediato, sentiram falta do que se perdeu historicamente: múltiplos elementos gramaticais não eram mais usados em nosso idioma, que era denominado português arcaico (século XII ao XV), já que a sua formação veio diretamente do latim vulgar. Daí, surgiu um novo processo de formação vocabular, capaz de renovação dos nossos dicionários, como ocorreu com o de Antenor Nascentes, com cem mil palavras e mais com os de Aurélio Buarque e Antônio Houaiss, com mais de trezentas mil palavras.

Palavras-chave: Formação de palavras portuguesas. Identidade nacional. Dicionário.

1. A fundação de Roma se dá por volta de 753 a.C.

O latim que se lê nos autores da Antiguidade é aquele que usavam principalmente os autores do I séc. a. C. e I d. C. Dessa época, temos o orador e filósofo Cícero, os historiadores Salústio e Tito Lívio, o conquistador e historiador Júlio César, os poetas Vergílio e Horácio, e outros. Vem do prestígio desses autores, cujas obras eram levadas para as classes de aprendizes, a origem do termo clássico. Esse latim tornou-se a modalidade latim literário, ou latim clássico dos patrícios [equivalente ao grego eupátridas] (e se diz em latim: *sermo eruditus*). Era uma língua estilizada, elitizada e estética. Desde o final da Idade Média, os estudiosos tomaram o latim como local de armazenamento dos estudos científicos; no Renascimento, o latim concorreu com as línguas nacionais e se fixou como latim renascentista com características gramaticais peculiares.

O latim do povo, porém, que continuou sendo falado, sofreu transformações através do tempo e espaço, com a denominação de latim vulgar (*sermo vulgaris*) e foi o formador da estrutura do português. Como

²²⁹ Uma versão deste trabalho foi apresentada no Congresso Internacional "Português – Língua do Mundo", na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na primeira semana de novembro de 2014.

esse termo tenha hoje conotações pejorativas, denomina-se também latim coloquial. O latim bárbaro era o que se usava na Idade Média ao invés de línguas nacionais (trata-se de um latim adaptado, usado em cartórios medievais e se afasta do latim clássico e, de certa forma, é uma continuação do latim cristão do início do Cristianismo).

A Península Ibérica esteve por muitos séculos sob a dominação romana. Sofreu um processo de romanização tão profundo que acabou por assimilar não só a língua, mas também os costumes, leis, religião, usos romanos. Como a língua é dinâmica, visto que a cultura também o é, foi-se modificando através dos séculos. Quando o Império Romano ruíu e a unidade política cessou, as mudanças linguísticas acentuaram-se, ainda mais porque foram assimilados diversos fatores provenientes das invasões dos povos ditos bárbaros. De uma só língua falada, o latim vulgar, surgiram variações cada vez mais acentuadas, vindo a formar as diversas línguas que hoje chamamos de línguas românicas, neolatinas ou novilatinas.

A língua portuguesa vivia uma fase de transição entre os séculos XV e XVI. Mesmo com a incontestável contribuição de Gil Vicente, criador da dramaturgia portuguesa, a identidade linguística do português ainda não conseguira se firmar de vez. A separação do português arcaico há de se evidenciar num conjunto de alterações quantitativas e qualitativas que caracterizarão a evolução linguística na passagem do século XV para o XVI. Com Sá de Miranda (1481? – 1558) se dá a iniciação escolar do espírito renascentista em Portugal, ao voltar da viagem à Itália e tornar-se o poeta da “medida nova”, porque divulgou o decassílabo, o terceto, a oitava, o soneto, a elegia, a ode etc. Não foram apenas Os Lusíadas um espaço poético para que se proclamasse “Cesse do sábio grego e do troiano” (canto I, estr. 3, v. 1) e se pudesse identificar o novo momento do latim: o português como identidade nacional. Na expressão de Leodegário:

A relatinização da língua literária da época é a base do português moderno, tudo isso ocorrendo no século de Quinhentos, literariamente marcado pela estética da identidade, já que os escritores partiam de modelos latinos, por eles desconficados, para a consequente recodificação em português, num processo de recriação literária mais ou menos comum em todos os domínios românicos.

Houve uma considerável ampliação vocabular, às vezes, relatinizando termos arcaicos, como *avondança* e *esmar*, renovando-os, ou melhor, relatinizando-os em abundância e estimar, calcados no latim clássico *abundantia* e *aetimare*, ou por neologismos, como *potestate*, tirado do

latim clássico *potestas*, bem como um nova formação de substantivo composto: grandiloquente, proveniente do modelo de inovação em latim clássico de Lucrécio, introdutor do epicurismo grego, linguagem filosófica difícil de trasladar para o latim, que tinha perdido múltiplos elementos mórficos na sua evolução histórica do indo-europeu, donde a necessidade de criar em parilha com o grego: neologismo de substantivos compostos.

Como sabemos a língua está continuamente em mudanças. Os estudiosos chamam a isso “evolução linguística”, que é um nome definido em meados do século XIX, no auge do positivismo, que é um sistema filosófico formulado por Augusto Comte, cujo objetivo é organizar a sociedade cientificamente, ou seja, partindo de princípios calcados nas experiências científicas da física, química etc. – o que é incompatível com o estudo da linguagem. Enfim, o termo “evolução” se fixou nos estudos gramaticais para denotar apenas “mudanças linguísticas”.

Um outro termo nos ajudará a entender melhor. Se trata de “economia da linguagem”. O que é “economia da linguagem”? Com um único alfabeto, como nosso, composto de 26 letras, podemos compor um dicionário, como o de Antenor Nascentes que possui 100 mil palavras ou o de Aurélio Buarque ou Antônio Houaiss de mais 300 mil palavras. O que serve para o alfabeto, serve para elementos gramaticais. Tratemos aqui apenas dos sufixos, prefixos e radicais gregos e latinos. Aliás, os romanos se aliaram aos gregos e isto ficou até na nossa gramática, pois temos como estruturas gramaticais muitos importantes os prefixos, sufixos, radicais gregos e latinos, formadores de vocábulos portugueses tanto para os 100 mil de Nascentes como os mais de 300 mil de Aurélio ou Houaiss.

Fases da língua latina: a) período proto-histórico (séc. VII – 240 a. C.), com as primeiras inscrições encontradas; b) período arcaico (24 – 81 a. C.) – com textos epigráficos e literários de autores como Lívio Andronico, Névio, Ênio, Catão, Plauto, Terêncio e Lucílio; c) período clássico (81 a. C. – 17 d. C.) – quando a prosa e a poesia chegam ao apogeu com autores como Cícero, Virgílio, César, Horácio, Salústio, Lucrécio, Catulo, Ovídio, Tito Lívio etc. d) período pós-clássico (17 d. C. – séc. II d. C.) – com poetas e prosadores não originários da Itália, já que não seguem os moldes clássicos da Itália em sua totalidade, como Fedro, Sêneca, Plínio, Marçal, Juvenal, Tácito, Quintiliano etc.; e) período cristão (séc. III d. C. – V d. c.) – com Tertuliano, Sto. Agostinho, Sto. Ambrósio, etc. Línguas românicas: português, espanhol ou castelhano, catalão, francês, provençal, italiano, romeno, rético, sardo, e dálmata (extinta).

A estética horaciana se sintetiza no *carpe diem*, aproveita o dia de hoje (*Odes*, I, 11, 8), dada a condição humana: *Pulvis et umbra sumus*, somos pó e sombra (*Odes*, IV, 7, 16), como na futura tradução de Jerônimo na Vulgata (*Gênese*, 3, 13): *Memento, homo, quia, pulvis et in puluërem reuertēris*, lembra-te, homem, de que é pó e ao pó voltarás. A leitura de um símbolo num poema se abre em duas janelas: a primeira é em direção exterior e centrífuga. Assim, o *carpe diem* flutuará pelo mundo, nos espaços geográficos e tempos a fora, assumindo múltiplos sentidos, como versão de filmes, *Dead Poets Society*, Sociedade dos Poetas Mortos, rótulos de perfumes do Boticário, ou mesmo como no *Carpe diem* da composição no ritmo “rock alternativo” da banda Fresno, conforme esta breve passagem, mas aqui não conseguimos ler em nenhum espaço a expressão “*carpe diem*”, a não ser no título:

Eu não sei por que vou envelhecer
Se é bem assim que eu quero morrer
Dormindo, não vou me desfalecer
Pois quando eu for velho eu não vou mais ter
Razão pra viver, um amor pra sofrer
Pernas pra correr, uma missão pra ter
E não dá...

Na introdução de Nogueira Moutinho (VIRGÍLIO, 1982: 16) destaca-se a importância da *Egloga I*. É como se ela fosse uma chave da tradição literária europeia a todo homem que não tem presente no espírito esse pequeno poema. E mais adiante: os eruditos magistrados e clérigos de 1789 encontraram nas sessões da Inconfidência o lema da Conjuração Mineira: “*Libertas quae sera tamen*”, que são as palavras iniciais da *Écloga I*. (p. 17) Um diálogo entre dos pastores, expropriados de suas terras, cujo contraponto ao pastor Melibeu é a interlocução do outro pastor Títilo sobre uma recomendação de futuro Imperador de Roma, Augusto César: *Pascite, ut ante, boues, pueri; submittite tauros*, (verso 45) cuidai, o rapazes, como antes, dos bois; criai touros.

Eis a nossa identidade histórica. Uma nova leitura dos Inconfidentes Mineiros que usaram pseudônimos, assim como Vergílio usou máscara, um disfarce, pois a máscara em velhos rituais religiosos outrora, tinha força apotropaica, quer dizer, afastava os males sobrenaturais. Assim, o poeta se protegeu e Augusto César não percebeu a insinuação de injustiça social, embutida na linguagem vergiliana.

A recepção desta *Écloga I*, além das leituras já anotadas, inspirou a Inconfidência Mineira, que é um símbolo máximo de resistência brasileira. Dentre outras coisas, há o museu dos Inconfidentes em Ouro Preto,

cidade de Minas Gerais. Tiradentes ganhou o epíteto de Mártir da Independência e se tornou nome de cidade em Minas Gerais. É também nome de via pública, como no Rio de Janeiro, a famosa Praça Tiradentes. Há filme cinematográfico, livros e novelas de televisão sobre o episódio histórico dos inconfidentes. O Império Serrano, em 1949, apresentou o enredo de sua escola de samba Exaltação a Tiradentes. Em 2008, a escola de samba Viradouro apresentou um carro alegórico com o tema “execução da liberdade”, em cujo destaque estava fantasiado de Tiradentes um folião.

Vocabulário português Herança vocabular

I – Das primeiras conquistas romanas:

- 1) ibéricas: baía, barro, esquerdo
- 2) célticas: cerveja, gato
- 3) gregas: demônio, diabo
- 4) fenícias: mata, mapa

II – Da queda do Império Romano:

- 1) evolução histórica do latim vulgar: *regina* > reia > rainha > rainha; *sinu* > senu > seo > seio; *arbore* > árvore; *carbone* > carvão
- 2) Pós-românicas: invasões da Península Ibérica
 - germânicas: séc. V d. C. norte, sul, leste e oeste
 - árabes: séc. VIII: *in sha Allah* > oxalá

III – Empréstimos ao Português

- a) Renascimento: a) Neologismos: grandiloquo, potestade; b) Recondição ao latim: avondança/esmar
- b) Provençais: trova, balada, vassalo; Espanholas: amistososo, bolero, airoso, antanho

Orientais: africanismos: angu, moleque; asiáticas: azul, bambu

IV – Empréstimos das línguas modernas ao português: francês: avenida, chefe, trem; inglês: bar, bife, bonde; italiano: confete, grotesco, serenata; alemão: cobalto, manequim, valsa etc.

Observação: Os tupinismos complementam significativamente o nosso dicionário.

A continuidade e modificações ocorridas em nomes e pronomes, a persistência formal dos numerais: do latim ao português, o novo papel sintático das preposições quanto à sua evolução histórica, substituindo os morfemas desinençiais latinos, bem como o reaproveitamento prefixal de partículas adverbiais (como *se-*; *bene-*; (mesmo os gregos) *anti-*; *meta-* etc.) que ficaram, mais ou menos, fora do português arcaico, já, no próprio latim clássico, porém, passaram a desempenhar o papel de prefixo, formando um quadro econômico para a nossa futura ampliação vocabular. Econômico, porque denotavam modalidades de 1) movimento (para frente: projetar; para trás: regredir etc.) ou modalidades de 2) situação/posição (ideia contrária: contrapor; posição dentro: intravenosa etc.) no espaço e tempo. Como não memorizar só dois sentidos: movimento e situação ou posição? O restante de significações são as modalidades. Donde a importância do estudo latino para todas as práticas profissionais na sociedade moderna.

A comparação entre uma leitura gramatical latina e portuguesa, per se, ficou bastante fácil para os organizadores a partir dos trabalhos de Mattoso Câmara e outros filólogos. Em língua portuguesa, Evanildo Bechara (1999) e Celso Cunha e Lindley Cintra (1985) no campo morfológico e sintático.

Não há adivinhações semânticas, porque se admitem as palavras latinas clássicas presentes no português erudito ou semierudito atual, como “potestade, tenebroso, domicílio” etc. graças à possibilidade da relatinização do português e, ao relatinizar o nosso idioma, herdado a partir de um traço morfofonêmico na própria evolução lusófona do latim vulgar, houve a possibilidade dos neologismos camonianos exemplificados acima e a seguir, como “estimar”, substituindo o arcaico “esmar”, ou “abundante” pelo “avondança” etc. Palavras novas: (formas evoluídas como “orelha”, “ovelha” do caso lexicogênico: “ovicla” e “auricla” e neologismos como o de “aurícula”, mas reconstruída pela medicina: “cavidade da orelha onde se colhe o som vocal ou cavidade no coração onde se acumula sangue para irrigar o corpo”).

Assim, é o *forum*. O que é o *forum*, em latim, se não praça, como em toda sociedade arcaica, era a praça um ponto de encontro, era, ipso facto, um ponto de partida da iniciativa de criações institucionais. Atualmente, a praça, para nós modernos, é local perigoso, inclusive sofremos

de medo da praça e a trocamos por visita a lojas comerciais. Este medo a medicina batizou com o nome de agorafobia (do grego “ágora”, praça). Hoje se vai ao fórum, quer dizer, ao palácio da justiça, e não mais à praça. Entretanto, foi numa praça que o governante grego Sólon (tornou-se um legislador no VI a. C.) apresentou, através de suas elegias, ao povo da praça suas leis defendidas, provenientes dos debates de assembleias legislativas, e, como ele defendeu a integridade do cidadão contra o abuso da escravização, tornou-se uma pedra angular da democracia ateniense. Este conceito de democracia é o que defendemos hoje sempre que nos é oportuno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática*. Rio de Janeiro: J. Ozon, [s/d.].

CARDOSO, Wilton; CUNHA, Celso. *Estilística e gramática histórica: português através de textos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

CUNHA, Celso; CINTRA, L. F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

HORACE. *Oeuvres complètes*. Texte établi, traduit, préfacé et annoté par François Richard. Paris: Garnier, 1950.

MELO, Gladstone Chaves. *Iniciação à filologia portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.

RIBEIRO, Manoel P. *Gramática aplicada da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Metáfora, 2010.

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Trad.: Péricles Eugênio da Silva Ramos. Introdução: Nogueira Moutinho. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.